



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

## UM PASSADO MÁGICO: IMAGENS E SÍMBOLOS [1] NAS HABITAÇÕES RURAIS

Publicado no site em 22/05/2007

(Nota de pesquisa)  
Gervásio Rodrigo Neves [2]

" Penetrar no mundo dos símbolos é tentar perceber as vibrações harmônicas e, de certa forma, *advinhar uma música do universo*".

René Alleau [3]

" A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações ...Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios...cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras"

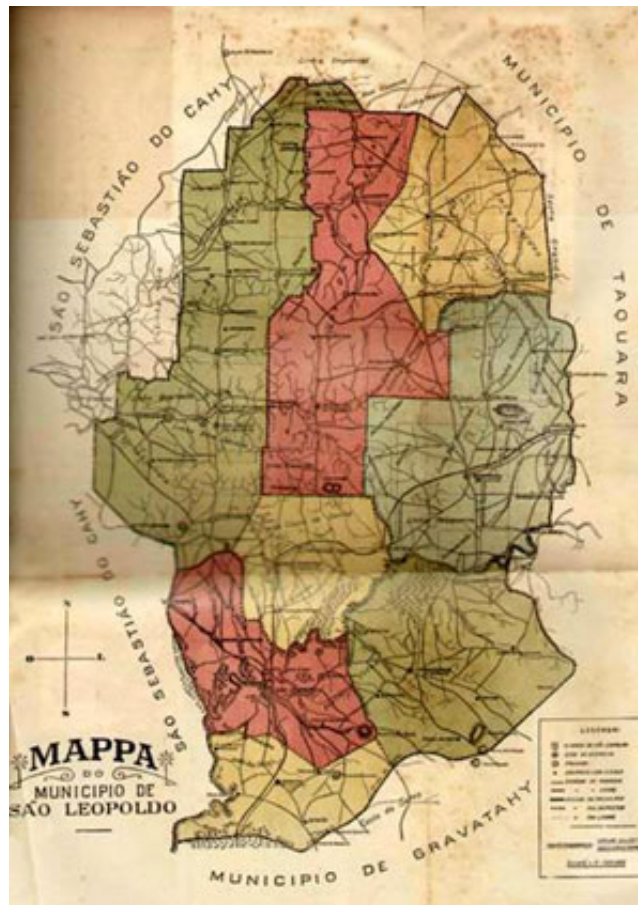
Ítalo Calvino [4]

O que o Artista fixa, não é o que ele viu ou aprendeu; é o que ele procurou e o que ele quer revelar aos outros"

Pierre Francastel

Um rico patrimônio da cultura, quase desconhecido, está ameaçado de desaparecimento e destruição pelo abandono e descaso. Entretanto, já se constitui em objeto de interesse do florescente e guloso mercado de "*antiguidades*".

O espaço, atualmente designado de "*rota romântica*", em torno do eixo da BR- 116, entre São Leopoldo-Nova Patrópolis e da estrada ente Nova Pertrópolis e Canela, no Rio Grande do Sul, área de colonização alemã, surpreende pela complexidade e rapidez das transformações sociais. Neste "*domínio turístico*" estão presentes e visíveis, na paisagem, os "tempos lentos" e os "tempos rápidos", utilizando o conceito de Milton Santos [5].



Este não é um espaço rural colonial tradicional ( Figura 1 ).



É uma paisagem cuja fisionomia revela os traços de uma nova dinâmica da urbanização: um espaço que revela o passado - nas formas arquitetônicas que hoje se constituem, simultaneamente, em "*reliquias*" [6] e anúncios do futuro [7] ( Figura 2 ).

Na encosta inferior do planalto riolítico-basáltico [8] do Rio Grande do Sul, área das primitivas frentes pioneiras [9] de recém imigrados e de descendentes dos primeiros colonos de São Leopoldo e das imigrações mais tardias e, depois, zona de contato com a colonização de

origem italiana [10], são encontrados pelos testemunhos da antiga arquitetura rural. Testemunhos ou relíquias construídas em estruturas em madeira [11] com barro, pedra ou tijolo [12] entre 1858 e 1920 [13]. Construções simbólicas cujas macroestruturas são bem conhecidas e designadas de "arquitetura em enxaimel" ou o "*Fachwerk*" alemão, desenvolvida na Europa [14] e depois nas regiões germânicas nos séculos XVI e XVIII, "*já considerado fora de época*", segundo a observação de Vilmar Vidor, para o qual suas técnicas já eram conhecidas pelos etruscos no século VI. Nestas condições, o enxaimel adotado tardiamente pelos alemães, não é um estilo arquitetônico mas uma técnica trazida para o Brasil pelos imigrantes alemães.

É nestas construções isoladas, num meio rural em processo de profundas transformações econômica e sociais, onde ainda encontramos uma relativamente densa ocorrência de símbolos gráficos [15], estruturas com *sofisticação artesanal* associada as construções em enxaimel.

As técnicas e os processos técnicos dessas formas arquitetônicas foi brilhantemente analisadas por Günter Weimer.

O que hoje chama a atenção, além das estruturas arquitetônicas, são alguns detalhes da sofisticação artesanal nestas construções, constituídos de entalhes (esculturas) nas almofadas das folhas das portas e nos tampos das janelas, predominantemente nas portas. Tratam-se de esculturas constituídas de figuras geométricas: círculos - predominantes - e de combinação de triângulos e/ou losângulos numa estrutura arquitetural caracterizada pela "*transmutação, adaptabilidade e forte significado de um período onde procurou-se sedimentar um novo modo de vida, o evento de um processo cultural em gestação*" ou a "*reinvenção de um processo cultural para justificar a cidadania nova*", segundo Vilmar Vidor [16].

São detalhes nas almofadas das folhas das portas ou tampos das janelas, certamente simbólicos. Colocados predominantemente nas entradas das habitações e, secundariamente, nas janelas que também não deixam de ser entradas, se incorporam ao "*requinte artesanal*" das construções "*Fachwerk*" ou em enxaimel.

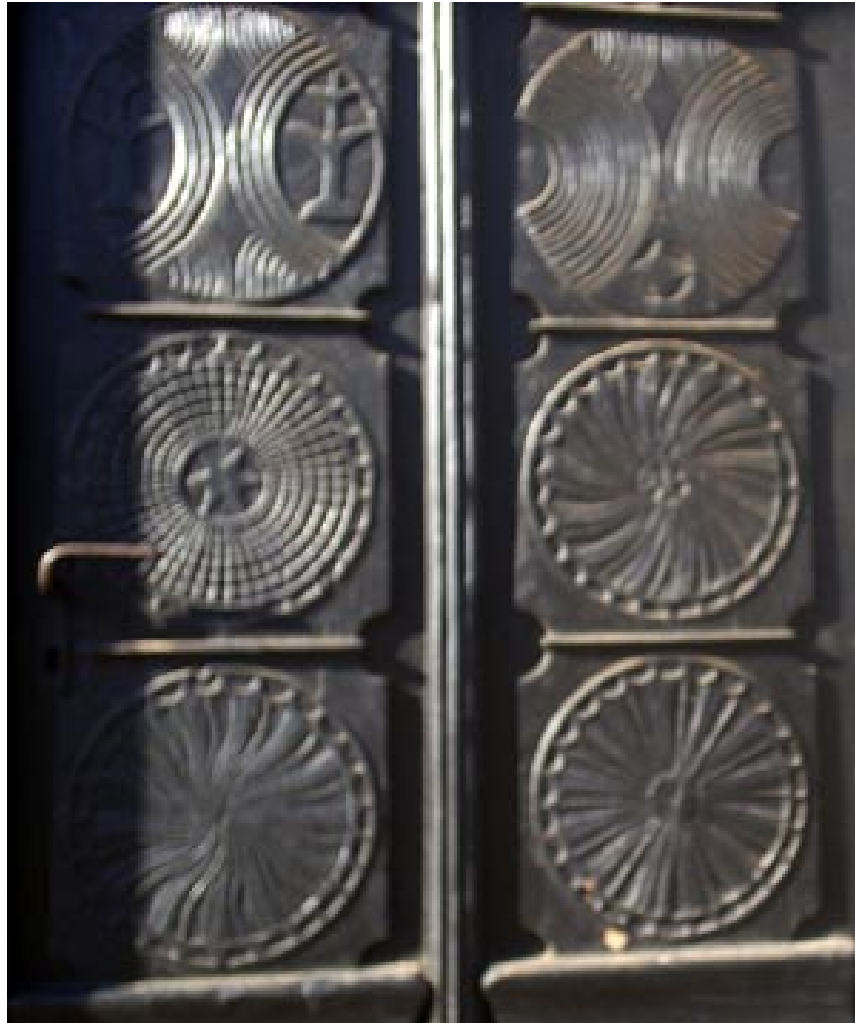
Um dos mais belos e curiosos desses conjuntos simbólicos se encontra na porta de entrada da frente de num velho armazém - *Rieling s hau s* (Figura 3)



localizado na encruzilhada, na localidade de São José do Herval, no interior do município de Morro Reuter, antes de Santa Maria do Herval (Figura 4).

Predominam, nas portas, as esculturas em formato circular enquanto nas janelas são

dominantes as formas de triângulos e losângulos [17], todas formas típicas de mandalas. Como o círculo, o quadrado, o triângulo e a estrela, são as formas geométricas que podem adquirir as mandalas, nas quais o círculo simboliza o tempo que passa ( o momento ) que, combinado ao quadrado evoca a mudança. O círculo é a figura de proteção, representando o Universo e a Natureza; O quadrado é o símbolo da estabilidade, enquanto o triângulo caracteriza a união ( unidade ) e a harmonia, segundo interpretações diversas.



A porta externa de entrada do *Rieling s hause* foi esculpida com 8 (oito) figuras (Figura 5), das quais 2 losângulos e 6 círculos ( 1 losângulo e três circunferências por folha da porta ), repetindo assim o múltiplo de 4 (quatro).



Em nenhuma dessas mandalas o desenho interno - figura geométrica - se repete. Entretanto, elas têm uma similaridade: o quatro e seus múltiplos. Como observa Jung " ...a mandala...corresponde à idéia do vaso de transformação. Desta forma, a mandala, que geralmente consta de um grupo quaternário, coincide com o quatérnio de opostos dos alquimistas ( Jung, s/d, p. 13 ) Esta constância da proporcionalidade do quatro Jung atribui as " quatro funções da consciência: o pensamento, o sentimento, a intuição e a sensação, necessárias para preparar o homem para lidar com as impressões que recebe do exterior e do interior ( p.240). Através dessas funções o homem é capaz de assimilar suas experiências. Segundo Jung " Em arte, o círculo te muitas vezes oito raios, exprimindo a superposição das quatro funções" e as relações com o cosmos e o divino.

M. -L Franz registra que " entre as representações mitológicas do self quase sempre encontramos a imagem dos quatro cantos do mundo"...acrescentando que "...este tipo de estrutura ( círculo mágico ) "... é a representação simbólica do "átomo nuclear" da psique humana - cuja essência não conhecemos" ( p. 213 ).

" O número quatro torna-se, para outros autores e para a crença comum, um número fundamental e resolutivo, pleno de determinações seriais. Quatro os pontos cardeais, os ventos principais, as fases da lua, as estações, quatro o número constitutivo do tetraedro timaíco do fogo, quatro o nome das letras do nome ADAM. E quatro será, como ensinava Vitruvius, o número do homem, pois a largura do homem com braços esticados corresponderá a sua largura dando, assim, a base e a altura de um quadrado ideal. Quatro será o homem moralmente aguerrido..." ( Eco, Umberto, p.53 ). " Na teoria do homo quadratus o número, princípio do universo, assume significados simbólicos..." ( Idem, p.52)

O triângulo representa, na origem, o feminino e o masculino e sua forma combinada,

o losângulo, a integridade da relação homem x mulher ( Figura 6).



Certamente estes símbolos têm um caráter emocional e são representações do inconsciente.

Essa simbologia não foi referenciada por pesquisadores e, nestas condições, se constituem num desafio à pesquisa e às interpretações. Além disso, elas são expressões e simbólicas em extinção pois *"A feliz analogia das estruturas, as suas correspondências harmônicas com o meio ambiente, o estilo pessoal testemunhado pela parede mais insignificante, a beleza das concordâncias simbólicas assim realizadas, não provinham apenas da paciência e do sentido das justas proporções que os construtores testemunhavam, mas também da inexistência de outros meios de produção, para além dos do artesanato. Quando se tornou mais fácil utilizar os aglomerados que pedras de talha, a chapa metálica em vez e colmo ou do xisto, o habitat campestre uniformizou-se, o estilo regional desapareceu e uma vez que a intuição da sua adaptação à paisagem já não é era necessária, deixou de exercer-se e atrofiou-se"* [18].

Na discussão do tema " *Objetividade e subjetividade em Geografia*" ocorrida no Departamento de Geografia da UFRGS, apresentei algumas destas imagens encontradas em São José do Herval, como desafio ao estudo dos símbolos ocorrentes nas paisagens rurais. O tema não foi desenvolvido. Retorno à questão.

Não tenho dúvidas que estes símbolos não são apenas resultantes do capricho ou das preferências estética dos construtores dessas habitações. Eles representam ou querem representar as emoções ou mais precisamente, as relações emocionais entre os homens, o meio

e a sua história e, principalmente, o enraizamento pessoal e histórico de populações muito isoladas pois eles são, " ...Como Aniela Jaffé observa, a forma redonda ( o motivo da mandala ) quase sempre simboliza uma totalidade natural, enquanto a forma quadrangular representa a tomada de consciência desta totalidade" ( O homem e seus símbolos, p. 215 ) ou, como também observa Jaffé " O círculo é um símbolo da psique ( Platão descreveu a psique como uma esfera); o quadrado ( e muitas vezes o retângulo ) é um símbolo da matéria terrestre, do corpo e da realidade" ( O homem e seus símbolos, p. 249 ).

Esses símbolos parecem representar a afirmação dos indivíduos no mundo, independente das situações de localização e de tempo. Ou, como diz Pierre Francastel " Qualquer captação de imagem pela nossa visão, acarreta o desenvolvimernento de uma atividade merntal, orientada simultaneamente numa dupla direção. Formada por elementos, a imagem toma um sentido logoo que estabelecemos uma relação combinada entre os signos materiais; quando prwaaupomos que esses elementos refletem conjuntoa vulgarmente interpretados, enquanto objetos, por um determinado grupo de indivíduos, estamos no domínio das configurações, ou seja, do espaço. Por outro lado, a imagem também toma um sentido, quando consideramos que os elementos espaciais assim constituídos, só possuem realidade, na medida em que reflertem conhecimentos e vaslores que a aprendizagem imediata dos sentidos é insuficiente para criar; estamos então no domínio da memória ou do imaginário, isto é, do tempo" ( Francastel, 1987, p.87).

As figuras geométricas complexas, esculpidas nas almofadas das portas e janelas de madeira - registradas nas casas rurais - parecem reproduzir as velhas *iantras*, " ...projeções geométricas do mundo que constituem o celebre "psico-cosmograma iindo-tibetano..." [19], ao em vez de serem projetadas no chão, são desenhadas nas superfícies verticais. Elas parecem se constituir em " símbolo, muitas vezes definido como um "sinal" de reconhecimento..." [20].

Assim, no detalhe, estas *iantras* - figuras geométricas abstratas - são desenhadas em círculos " ...um símbolo do self " [21] " expressando a totalidade da psique em todos os seus aspectos, incluindo o relacionamento entre o Homem e a Natureza" ou através de dois triângulos que se interpenetram - e até se fundem - um apontando para cima e outro para baixo.

Na opinião de Jung estas figuras " ...não podem ser inventadas...devem ressurgir das profundezas esquecidas para expressar as mais elevadas percepções da consciência e as mais sublimes intuições do espírito, unindo assim o caráter singular da consciência moderna com o passado milenar da humanidade" [22]

Estas figuras, quase despercebidas, embora bem conservadas nas portas de muitas casas rurais, se constituem um desafio à pesquisa e à interpretação desse rico patrimônio artístico e cultural ainda não desvendado. Afinal " a realidade geográfica apresenta lacunas, zonas de "silêncio" que escapam a atenção do homem e "não lhe dizem nada", como registra Dardel [23].

Estes símbolos registrados em testemunhos de habitações do século XIX e início do XX nas velha colônias alemãs no Rio Grande do Sul, reaparecem.

Um exemplo, agora projetados no chão e expresso em três dimensões - como arquitetura - na magnífica Catedral Metropolitana de Brasília ( Figuras7 e 8 ). obra de Oscar Niemeyer, onde também o múltiplo de 4 está presente nas 16 colunas curvas que representariam os "espinhos na coroa de Jesus".

Estas obras de arte popular têm muito mais significado do que uma simples decoração. Está sugerindo uma ampla investigação desde que sejamos o suficientemente generosos para romper com a exclusividade da razão e investigar os testemunhos silenciosos das emoções.



### **Bibliografia**

- ALLEACI, René. *A ciência dos símbolos*. Lisboa. Edições 70. 1976.
- BACHELARD, Gaston. *Poética do espaço*. Os pensadores. São Paulo. Abril Cultural. 1986.
- BERQUE, A. *Ecoumène. Introduction à l'étude des milieux humains*. Paris. Belin. 2000.
- BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra*. São Paulo. Perspectiva. 2006.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.
- CAMPBELL, Joseph. *Mitologia na vida moderna*. Rio de Janeiro. Editora Rosa dos Tempos. 2002.
- COUTINHO, Evaldo. *A visão existenciadora*. São Paulo. Editora Perspectiva. 1978.
- DAHLKE, Rüdiger. *Mandalas*. São Paulo. Editora Pensamento. 1991.
- DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terre*. Paris. Presses Universitaires de France, 1952; Éditions du Cths. 1990.
- DEFFONTAINE, Pierre. *Géographie et Religions*. Paris. Gallimard. 1948, 7ª edição.
- ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Porto Alegre. Globo. 1989.
- FRANZ, M.-L von. *O processo de individualização*. In.: JUNG, C.G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.
- FRANSCATEL, Pierre. *Imagem, visão e imaginação*. São Paulo. Livraria Martins Fontes. 1987.
- DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris. Presses Universitaires de France. 1960.
- FABRE, Emmanuel. *Analise théorique et épistémologique em Géographie*. Paris. DEA. 2000.
- JAFFÉ, Aniela. *O mito do significado*. São Paulo. Editora Cultrix. 1989.
- JAFFÉ, Aniela. *O simbolismo nas Artes plásticas*. In.: JUNG, C.G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.
- JAMES, E. Preston, *O problema da colonização permanente no Sul do Brasil*. Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Geografia, I (4), 1939.



- GOMES, Alba Maria et alli. *A colonização alemã na área de Joaneta*. In.: Colóquio de Estudos Teuto Brasileiros, 1. Porto Alegre.Faculdade de Filosofia da UFRGS. 1966.
- HORMEYER, Josepho. *O que Jorge conta sobre o Brasil*. Rio de Janeiro. Presença.1966.
- JUNG, C.G. *Mandala symbolism*. New Jersey. Princeton University Press. 1973.
- JUNG, Carl G. *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. s/d.
- JUNG, C.G. *Mysterium Coniunctiones*. Petrópolis. Edit. Vozes. 1985.
- LOWENTHAL, D. *Geography, experience, and Imagination:Towards a Geographical Epistemology*. Annals. 1961
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O filósofo e sua sombra*. In: HusserL, Edmund; Merleau-Ponty. Textos escolhidos. São Paulo. Abril Cultural.1975.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo. Perspectiva/Dinalivro. 2002.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo. Martins Fontes. 1999.
- MORAES, Carlos de Souza.*Aspectos da colonização alemã; a habitação*. Porto Alegre. Correio do Povo.8 janeiro 1955; 15 janeiro 1955; 22 janeiro 1955; 29 janeiro 1955.
- NASH, Roy *Habitações do Brasil rural*. In.: A conquista do Brasil. São Paulo. Nacional. 1939.
- NEVES, Gervásio Rodrigo. *Objetividade e subjetividade em geografia*. Aula no concurso público ao cargo de professor titular da UFRGS ( não publicado ).
- PEBAYLE, Raymond. *L´evolution récent des veilles colonies allemands*. In.: Eleveurs et agriculteurs du Rio Grande do Sul ( Bresil). Paris. Universite deParis I. 1974. These.
- PETRY, Leopoldo. *O município de São Leopoldo. São Leopoldo*. Rotermond. 1923.
- PETRY, Leopoldo, *São Leopoldo. 1864-1964. Centenário da cidade*. São Leopoldo. Prefeitura Municipal de São Leopoldo. 1964, 2ª edição.
- PILASTRE, Christian. *Mandalas de Al-Andalus. El arte de Andalucía*. Barcelona. Mtm ediciones. 2006.
- PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Sta. Therezinha.1934.
- READ, Herbert. *O sentido da arte*. São Paulo. IBRASA. 1978, 4ª edição.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Globo. 1969. 2 vol..
- ROTHWELL, Stuart Clark. *The Old Italian Colonisation Zone of Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Faculdade de Filosofia.URGS. 1959.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo. Hucitec. 1996.
- SANTOS, Milton. *O país distorcido. O Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paylo. Publifolha. 2002.
- SANTOS, Milton.*Território e sociedade*. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo. 2000.
- SARTRE, Jean-Paul.*Esbozo de uma teoria de las emociones*. Córdoba. Facultad de Filosofia y Humanidades. Universidad Nacional de Córdoba.1959.
- SARTRE, Jean-Paul.*Diário de uma guerra estranha*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1983.
- SILVA, Maria Auxiliadora da; TOLEDO Jr. Rubens de; DIAS, Clímaco César Siqueira. Organizadores. *Encontro com o pensamento de Milton Santos*.Salvador. Empresa Gráfica da Bahia. 2005.
- SIMÕES, Reinerio Luiz Moreira. *Imaginação material segundo Gaston Bachelard*. Rio de Janeiro.Dissertação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro.1999.
- SORRE, Maximilien. *Géographie psychologique*. Paris. Presses Universitaires de France. 1954.

STRAUS, Erwin. *Du sens des sens. Contribution à l'étude des fondements de la psychologie*. Grenoble. Jérôme Millon.1989.

VALVERDE, Orlando. *Excursão à velha região colonial antiga do Rio Grande do Sul*. In: Aspectos da Geográficos Sul-Riograndense. Rio de Janeiro. IBGE. 1954.

VIDOR, Vilmar. *Arquitetura: Cultura e identidade local*. <http://www.ufsc.br/Blumenau/enxaimel.htm>.

VERNON, M. D. *Percepção e experiência*. São Paulo. Editora Perspectiva.1974.

WEIMER, Günter. *A arquitetura rural da imigração alemã*. In.: BERUSSI, Paulo Iroquez et alli ( Cordenadores ). *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1987, 2ª edição.

WEIMER, Günter. *A arquitetura da imigração alemã: um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia no meio rural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Editora da UFRGS./ São Paulo. Nobel.1983.

WEIMER, Günter. *As origens da arquitetura teuto-brasileira*. Porto Alegre. Correio do Povo. 8 de julho de 1973.

WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil; estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo. Nacional.1940.

WOLF, Janet. *A produção social da da Arte*. Rio de Janeiro. 1982.

TUCCI, Giuseppe. *Théorie et pratique du mandala*. Paris. 1974.



---

[1] - René Alleau. Ob.cit. Capítulo I - Sinais e símbolos, p. 43-62; Carl G. Jung. O Homem e seus símbolos.

[2] - Professor Livre-docente, Titular da UFRGS ( aposentado ).

[3] - A ciência dos símbolos.1982, p.11.

[4] - As cidades invisíveis.1990.

[5] - Milton Santos. A natureza do Espaço: Técnica a Tempo, razão e emoção. 1996.

**[6]** - "Outro exemplo do fenômeno de esgotamento das fontes da intuição analógica e simbólica pelo desenvolvimento tecnológico é o dos estilos regionais da arquitetura. Ao passo que os materiais punham problemas de fabrico industrial e de transporte, as casas dos camponeses eram construídas com os recursos locais e iam buscar à sua terra os seus produtos minerais e vegetais, o que adaptava o habitat humano às paisagens naturais, às suas cores e às suas formas. A feliz analogia das estruturas, e suas correspondências harmônicas com o meio ambiente, o estilo pessoal testemunhado pela parede mais insignificante, a beleza das concordâncias simbólicas assim realizadas, não provinham apenas da paciência e do sentido das justas proporções que os construtores testemunhavam, mas também da inexistência de outros meios de produção, para além dos do artesanato. Quando se tornou mais fácil utilizar os aglomerados que pedras de talha, a chapa metálica em vez de]o colmo ou do xisto, o habitat campestre uniformizou-se, o estilo regional desapareceu e uma vez que a intuição da sua adaptação à paisagem já não era necessária, deixou de exercer-se e atrofiou-se". René Alleau. *A Ciência dos Símbolos*, p.12-13.

**[7]** - O elogio da lentidão. In: *O país distorcido. O Brasil, a globalização e a cidadania*, 2002, p.162.

**[8]** - Planalto das Araucárias. Jarbas de Oliveira Justus et alli. *Geomorfologia*. In.: IBGE. *Levantamento de recursos naturais*, vol.33.

**[9]** - Logo após a instalação dos imigrantes em São Leopoldo teve início um movimento centrífugo de deslocamento de "colonos", especialmente para o norte, ocupando terras devolutas de mata. Essa corrente atingiu até a área do atual município de Nova Petrópolis, espaço de colonização criada e implantada oficialmente em 1858, mas que foi pressionada a partir de São Leopoldo muito cedo, ocupando as matas entre a colônia primitiva ( São Leopoldo ) e Nova Petrópolis

**[10]** - Veja-se Orlando Valverde. Ob.cit.

**[11]** - Curiosamente, como forma de adaptação, são encontradas, menos frequentemente, construções de casas cujas paredes são de madeira, apresentando um desenho semelhante as resultantes das técnicas construtivas do modelo em enxaimel.

**[12]** - Veja-se tese de mestrado de Günter Weimer, *Arquitetura da imigração alemã*. Um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia no meio rural do Rio Grande do Sul. 1983. Certamente a mais completa contribuição ao estudo da arquitetura dos imigrantes.

**[13]** - Datas limites encontradas na Picada Café e no Morro Reuter.

**[14]** - Vide Günter Weimer, nota 12.

**[15]** - Símbolos gráficos

**[16]** - Vide . Vilmar. Vidor. *Arquitetura: Cultura e identidade local*. <http://www.ufsc.br/Blumenau/enxaimel.htm>.

**[17]** - Compostos de dois triângulos, representando o masculino e o feminino.

**[18]** - René Alleau, *A ciência dos símbolos*, 1982, p. 12-13.

**[19]** - Idem, p. 153

**[20]** - René Alleau.

**[21]** - Carl G. Yung. *O homem e seus símbolos*, p.240.

**[22]** - Idem, p. 243.

**[23]** - Veja-se; Eric Dardel, *L 'Homme et l aTerre*. 1952, p.74